

<b>Título</b>	<b>Privatização: por que não?</b>
<b>Veículo</b>	<b>Correio Braziliense</b>
<b>Data</b>	<b>02 janeiro 2017</b>
<b>Autor</b>	<b>Claudio J. D. Sales</b>

## Privatização: por que não?

» CLAUDIO J. D. SALES  
*Presidente do Instituto Acende Brasil*

"Privatização é um mal para o país". Poucos mitos provaram-se tão enganosos para o Brasil quanto este. O propulsor desse mito talvez tenha sido a campanha "O petróleo é nosso", que rendeu a criação da Petrobras nos anos 1950. À época, fez bastante sentido, como fizeram sentido a CSN de 1940, a Vale de 1942 e a Chesf de 1945, pois não havia poupança ou acesso a créditos privados vultosos.

O Brasil mudou e o grau de eficiência requerido pela sociedade para as empresas de hoje dificilmente será atendido pelo modelo estatal. A literatura econômica aponta cinco principais entraves à eficiência das empresas estatais: objetivo indefinido, falta de disciplina orçamentária, administração inepta, processo decisório burocrático e uso político. A maior parte das estatais brasileiras sucumbiu diante desses entraves.

Este é o caso das estatais do setor elétrico. Um estudo (White Paper 10, "Gestão Estatal: Despolitização e Meritocracia", [www.acendebrasil.com.br/estudos](http://www.acendebrasil.com.br/estudos)) sobre as empresas do setor elétrico demonstrou o baixo desempenho das estatais em relação às privadas, tanto em termos econômico-financeiros quanto operacionais.

Há inúmeras evidências que podem desfazer o mito de forma definitiva. Uma delas é a simples comparação de empresas que foram privatizadas no final da década de 1990 com suas semelhantes estatais até hoje. As distribuidoras de eletricidade do Maranhão (Cemar) e de Sergipe (Energisa Sergipe) foram privatizadas e hoje atendem aos requisitos regulatórios estabelecidos pela Aneel e são economicamente saudáveis.

No entanto, em estados vizinhos e semelhantes (Piauí e Alagoas, respectivamente), a realidade é diametralmente oposta. Nesses estados perdem os consumidores, que não têm serviço

adequado; perdem os acionistas dessas empresas (entre os quais a União e os fundos de previdência das estatais), que não auferem dividendos; e perde o Tesouro Nacional, que é forçado a fazer aportes bilionários, há décadas, para cobrir rombos nessas empresas, sem perspectiva de retorno.

Essas evidências, entretanto, não foram suficientes para desfazer o mito contra as privatizações. Entre 2003 a 2015, foram criadas 41 estatais em diferentes setores da economia e assistimos ao recrudescimento do uso político das estatais por parte dos governos, incluindo escândalos de corrupção que dominam os noticiários. O setor de energia foi dos mais impactados por essa política, com perdas gigantescas e evidentes para Petrobras, Eletrobras e, pela relevância destas, para toda a sociedade brasileira.

Agora, porém, o Brasil vive um outro momento e é razoável supor que o mito antiprivatizações no setor elétrico finalmente será desfeito. Em primeiro lugar, o esforço do atual governo para reequilibrar as contas públicas não dá espaço para continuar cobrindo rombos bilionários nas estatais. Em segundo lugar, e essa razão é positiva, já há história recente de sucesso que pode ser inspiradora.

O leilão de privatização da Celg, distribuidora de eletricidade de Goiás, ocorreu em novembro. A Enel, empresa que detém concessionárias de distribuição nos estados do Ceará e do Rio de Janeiro, adquiriu 95% do capital da empresa por R\$ 2,19 bilhões. Para obter o retorno desse investimento, terá que investir mais na empresa, equacionar suas dívidas, operar com o máximo de eficiência, cumprir as regras definidas pela Aneel, e assegurar a satisfação de seus consumidores. Os incentivos para a empresa são claros e totalmente alinhados com o que se espera de uma concessionária do serviço público de distribuição. A privatização tornará isso possível.

Depois de tanto tempo sem se falar em privatização, o leilão pioneiro da Celg será repetido: o governo anunciou a privatização das distribuidoras de Piauí, Rondônia, Acre, Amazonas, Alagoas e Roraima. Está próximo o dia em que o mito contra privatizações, vencido pelas evidências, há de desaparecer totalmente.

“Privatização é um mal para o país”. Poucos mitos provaram-se tão enganosos para o Brasil quanto este. O propulsor desse mito talvez tenha sido a campanha “O petróleo é nosso”, que rendeu a criação da Petrobras nos anos 1950. À época, fez bastante sentido, como fizeram sentido a CSN de 1940, a Vale de 1942 e a Chesf de 1945, pois não havia poupança ou acesso a créditos privados vultosos.

O Brasil mudou e o grau de eficiência requerido pela sociedade para as empresas de hoje dificilmente será atendido pelo modelo estatal. A literatura econômica aponta cinco principais entraves à eficiência das empresas estatais: objetivo indefinido, falta de disciplina orçamentária, administração inepta, processo decisório burocrático e uso político. A maior parte das estatais brasileiras sucumbiu diante desses entraves.

Este é o caso das estatais do setor elétrico. Um estudo (White Paper 10, “Gestão Estatal: Despolitização e Meritocracia”, [www.acendebrasil.com.br/estudos](http://www.acendebrasil.com.br/estudos) sobre as empresas do setor elétrico demonstrou o baixo desempenho das estatais em relação às privadas, tanto em termos econômico-financeiros quanto operacionais.

Há inúmeras evidências que podem desfazer o mito de forma definitiva. Uma delas é a simples comparação de empresas que foram privatizadas no final da década de 1990 com suas semelhantes estatais até hoje. As distribuidoras de eletricidade do Maranhão (Cemar) e de Sergipe (Energisa Sergipe) foram privatizadas e hoje atendem aos requisitos regulatórios estabelecidos pela Aneel e são economicamente saudáveis.

No entanto, em estados vizinhos e semelhantes (Piauí e Alagoas, respectivamente), a realidade é diametralmente oposta. Nesses estados perdem os consumidores, que não têm serviço adequado; perdem os acionistas dessas empresas (entre os quais a União e os fundos de previdência das estatais), que não auferem dividendos; e perde o Tesouro Nacional, que é forçado a fazer aportes bilionários, há décadas, para cobrir rombos nessas empresas, sem perspectiva de retorno.

Essas evidências, entretanto, não foram suficientes para desfazer o mito contra as privatizações. Entre 2003 a 2015, foram criadas 41 estatais em diferentes setores da economia e assistimos ao recrudescimento do uso político das estatais por parte dos governos, incluindo escândalos de corrupção que dominam os noticiários. O setor de energia foi dos mais impactados por essa política, com perdas gigantescas e evidentes para Petrobras, Eletrobras e, pela relevância destas, para toda a sociedade brasileira.

Agora, porém, o Brasil vive um outro momento e é razoável supor que o mito antiprivatizações no setor elétrico finalmente será desfeito. Em primeiro lugar, o esforço do atual governo para reequilibrar as contas públicas não dá espaço para continuar cobrindo rombos bilionários nas estatais. Em segundo lugar, e essa razão é positiva, já há história recente de sucesso que pode ser inspiradora.

O leilão de privatização da Celg, distribuidora de eletricidade de Goiás, ocorreu em novembro. A Enel, empresa que detém concessionárias de distribuição nos estados do Ceará e do Rio de Janeiro, adquiriu 95% do capital da empresa por R\$ 2,19 bilhões. Para obter o retorno desse investimento, terá que investir mais na empresa, equacionar suas dívidas, operar com o máximo de eficiência, cumprir as regras definidas pela Aneel, e assegurar a satisfação de seus consumidores. Os incentivos para a empresa são claros e totalmente alinhados com o que se espera de uma concessionária do serviço público de distribuição. A privatização tornará isso possível.

Depois de tanto tempo sem se falar em privatização, o leilão pioneiro da Celg será repetido: o governo anunciou a privatização das distribuidoras de Piauí, Rondônia, Acre, Amazonas, Alagoas e Roraima. Está próximo o dia em que o mito contra privatizações, vencido pelas evidências, há de desaparecer totalmente.

***Claudio J. D. Sales presidente do Instituto Acende Brasil ([www.acendebrasil.com.br](http://www.acendebrasil.com.br))***